



## **O PATRIARCADO E SUA INFLUÊNCIA NOS PAPEIS SEXUAIS: UMA ABORDAGEM ACERCA DA MULHER “BELA, RECATADA E DO LAR”**

Francisco Diógenes Freires Ferreira

Complexo de Ensino Renato Saraiva

profdiogenesferreira@gmail.com

**RESUMO:** O patriarcado se mantém na sociedade moderna gerando como consequência a sobreposição dos gêneros a partir dos papéis sexuais que estão espalhados e entendidos como pertencentes à homens e à mulheres, gerando sanções de diversas formas quando não obedecidos, esses padrões são gerados desde a educação e se refletem na forma como agem mulheres e homens. No intuito de abrir os horizontes acerca deste problema tem esta pesquisa o objetivo de busca demonstrar a forma de criação e reprodução dos preconceitos acerca de gênero, bem como ressaltar que o entendimento de superioridade ou inferioridade nada tem haver com a biologia mas sim com as criações culturais, para isso utilizou-se da pesquisa bibliográfica, através do método hipotético dedutivo chegando a conclusão que a educação é instrumento eficaz no combate ao patriarcado proporcionando as crianças uma educação libertadora e para o respeito e que a imagem passada pela mídia da mulher perfeita sendo ela a bela, recatada e do lar não condiz mais com a realidade contemporânea da mulher.

**Palavras-chave:** Patriarcado, Papéis sexuais, Modernidade.

As questões sobre gênero e sexualidade passam a ser discutidas cada vez mais na sociedade contemporânea.

A tentativa de manutenção das diferenciações *versus* a quebra do paradigma da desigualdade travam verdadeiras batalhas de argumentos e opiniões.

O patriarcado aqui entendido como um problema social a ser superado pois opera diferenças nos papéis desenvolvidos pelas pessoas enquanto seres sociais.

É através do patriarcado que nascem os preconceitos acerca do feminino e do masculino, do que é coisa de homem e do

que é coisa de mulher e com eles toda a carga preconceituosa valorativa aos seres que não obedecem à “norma social”

O patriarcado não foi apenas um período histórico que atualmente é lembrado, o patriarcado atua como sistema social contemporâneo regulando as ações masculinas e femininas dentro de um modelo de desigualdade.

De posse dessas informações, esta pesquisa busca demonstrar a forma de criação e reprodução dos preconceitos acerca de gênero, bem como ressaltar que o entendimento de superioridade ou



inferioridade nada tem haver com a biologia mas sim com as criações culturais.

Nas palavras de Lamas (1999)

“[...] não é anatomia que posiciona mulheres e homens em âmbitos e hierarquias distintos e sim a simbolização que as sociedades fazem dela.”

No desenvolvimento desta pesquisa foram utilizados diversos instrumentos metodológicos. Por se tratar de uma pesquisa sociojurídica, um dos métodos de abordagem aplicados ao estudo foi o dialético, uma vez que a realidade humana é histórica e o direito como ciência social, segundo Lamy (2011, p. 55), estuda o momento histórico em que ele se insere e o que virá a ser.

Nesse contexto se insere a discussão acerca da diferenciação dos papéis sexuais masculinos e femininos e as suas variáveis possibilidades de interferência nas mais diversificadas estruturas sociais.

A pesquisa também adotou o método hipotético-dedutivo entendido como aquele que “parte-se da percepção de lacunas nos conhecimentos, formulam hipóteses e testa-se a predição de ocorrência dos fenômenos englobados pela hipótese” segundo Medeiros (2013, p. 226).

Partindo desse pressuposto entende-se que ainda há lacunas nas discussões e efetivação do direito à igualdade que já ofertado de maneira formal, mas

que não tem a efetividade necessária na cultura social, levantando-se a hipótese que a educação de base com relação à liberdade e igualdade de gêneros reduziria os impactos no tocante ao “diferente” perante a sociedade.

A técnica elegida para contemplar este ensaio foi a pesquisa bibliográfica, utilizada como aporte teórico dos estudiosos em gênero e em ciências jurídicas, ciências sociais e psicologia para se perceber como os doutrinadores se posicionam acerca da temática.

## **ABORDAGEM PRÁTICA E CONCEITUAL SOBRE GÊNERO**

O diálogo que aqui se estabelece é referente faz referência a diferença entre a construção entre sexo e gênero, pois apesar da ligação são eles interdependentes, com maneiras próprias de criação e estruturação.

Um dos grandes problemas com relação ao gênero se dá exatamente pelo sua contextualização de forma má elaborada com o sexo e até a tentativa de uniformizar os dois componentes do ser humano como sendo apenas um.

Nesse sentido contesta Butler, (2015, p. 26)

“ Se o gênero são os significados culturais assumidos pelo corpo sexuado, não se pode



dizer que ele decorra de um sexo desta ou daquela maneira .

Com isso Butler acaba de explicar a não correlação que erroneamente as pessoas tendem a atribuir do gênero a partir do sexo.

Uma vez não assumindo socialmente as posturas esperadas pelo gênero “pertencente” àquele sexo, nasce à estranheza e posteriormente, em alguns casos o preconceito.

Sendo assim, fica clara a compreensão de que sexo é o atributo biológico do ser humano adquirido com o seu nascimento de acordo com a sua genitália.

Diferentemente o gênero, pois este vai compor o lado psico-social do ser humano, adquirido de acordo com seu desenvolvimento psíquico e através das vivências culturais no qual está inserido.

Numa definição simplificada acerca de gênero Lamas (1999) afirma que gênero “...conjunto de ideias em uma cultura sobre o que é “próprio” dos homens e próprio das mulheres.

Nessa perspectiva pode-se entender a partir de então que o que faz de alguém o “ser homem” ou o “ser mulher” não é exatamente seu sexo, mas sim o seu gênero.

Por fim, se clareia e reafirma o entendimento de que sexo está

ligado à figura anatômica e biológica do ser, enquanto gênero faz parte da sua subjetividade, a forma como se vê se comporta perante as situações.

Para Negreiros e Carneiro (2004)

“Os papéis masculino e feminino configurariam tipificações do que seria pertinente ao homem e a mulher num dado contexto.”

Logo, essa afirmação se manifesta a entender que a função do gênero na sociedade é a manutenção dos comportamentos sejam eles permitidos ou proibidos para homens e mulheres.

O que se percebe que desde o nascimento da criança, todos os modos de subjetivação já estão postos antes mesmo de sua chegada ao mundo através do seu nome, as cores que foram escolhidas a partir do momento em que se sabe seu sexo até mesmo os brinquedos que lhe serão dados.

A criança já nasce no sistema de gênero no qual poderá ela no futuro se adequar à norma padrão ou promover o rompimento da norma, através de atitudes desviantes do sexo à qual ela pertence, ou seja, atitudes de um gênero diferente do esperado.

As autoras acima citadas abordam dois modelos de famílias baseadas no gênero, classificados como Modelo Antigo



e Modelo e Modelo Novo.

Segundo o Modelo Antigo, os papéis sexuais masculinos e femininos estariam bem definidos conforme a passagem a seguir:

O casamento é considerado indissolúvel, monogâmico e ligado à reprodução. Abriga duas ordens de responsabilidades morais. A masculina é fundada na relação com o trabalho e na virilidade - manutenção econômica da família e atitude protetora para com os seus membros. A feminina está calcada na preservação da sexualidade e no exercício da maternidade - virgindade pré-nupcial, fidelidade conjugal e dedicação ao lar e filhos. (Negreiros e Carneiro, 2004)

Vale salientar que o modelo Antigo descrito pelas autoras é defendido e difundido muitas vezes pela mídia nas suas representações femininas, para além disso, este ainda hoje é um modelo ensinado socialmente, e as mulheres que repelem a este modelo sofrem as mais variadas sanções sociais.

As famílias modernas já são vistas a partir da inversão da ocupação dos

espaços de trabalho, como demonstrado a seguir.

No “modelo novo” de família, as fronteiras de identidades entre os dois sexos são fluidas e permeáveis, com possibilidades plurais de representação: mulher oficial de forças armadas, homem dono-de-casa, mãe e pai solteiros, mulher chefe de família, casais homossexuais masculinos ou femininos, parceiros masculinos mais jovens, casal sem filhos por opção, produção independente, bebê de proveta e demais possibilidades que a evolução científica permite ou está em vias de possibilitar, tal como a discutida clonagem humana. (Negreiros e Carneiro, 2004)

Entretanto, numa análise mais abrangente, entende-se que hoje o contexto de direitos no qual a mulher está inserido não é o suficiente quando em comparação com o dos homens.

Os papéis sociais atualmente mesmo que modernos ainda se revestem fortemente com o manto do patriarcado, promovendo a dicotomia homem e mulher para perpetuar as diferenças existentes por



meio da cultura opressora.

Coisas mudaram socialmente entre o novo e o antigo modelo entretanto o principal a ser mudado ainda permanece, pois os pensamentos sociais não mudaram com os comportamentos, as mulheres apenas adquiriram mais atribuições tendo que manter um jornada exaustiva para exercer seus papéis sociais.

### **A FORMULAÇÃO DO GÊNERO NA INFÂNCIA**

As práticas sexistas dos relacionamentos adultos nem sempre são as mesmas que as das crianças, isso porque as diferenças e preconceitos elas aprendem com o tempo, de acordo com a educação que lhes foi dada.

A educação é entendida nesse estudo de forma ampla, contemplando tanto a educação familiar quanto o processo de escolarização, entretanto nesse momento passa-se a tratar apenas do processo de escolarização para melhor entendimento.

Desta forma, pais e educadores tem um importante papel na formulação das crenças e preconceitos no qual irão programar a mente e as ações destas crianças.

Acreditando no papel determinante da educação, é necessário que as concepções acerca de gênero

sejam implementadas nas práticas escolares como forma de educação para a liberdade.

Esses meninos e meninas ainda não possuem o sexismo da forma como ele está disseminado na cultura construída pelo adulto: as crianças vão aprendendo a oposição e a hierarquia dos sexos ao longo do tempo que permanecem na escola. (FIANCO, 2003)

Ou seja, as relações de dominação binária estão se aperfeiçoam no âmbito escolar, deste modo deve a escola estar ciente das ferramentas a serem usadas para proporcionar aos alunos uma melhor orientação acerca do respeito e da diversidade.

Fianco (2003) afirma que os o profissional de educação infantil tem papel fundamental para que essas relações possam acontecer de forma livre, sem cobranças quanto a um papel sexual pré-determinado.

Apesar de tudo isso a autora acima citada demonstra preocupação em sua pesquisa quando se refere à professores que ainda se sente incomodados ao presenciarem comportamentos desviantes



dos alunos.

Entretanto a práxis dos professores tem que está de acordo com os seus discursos, promovendo assim um ambiente escolar livre de opressões na formulação do que é aceito para meninos ou para meninas de forma indiscriminada.

Fianco (2003) levanta a hipótese da preocupação dos pais e educadores com os brinquedos e brincadeiras das crianças se da pelo medo desses instrumentos refletirem na orientação sexual das crianças num momento posterior.

Afirma a própria autora que os brinquedos usados por meninas ou meninos não determinam sua orientação sexual.

O que se busca com a prática de brincadeiras iguais para as crianças é ofertar o conhecimento irrestrito sem segregação por sexo ou gênero.

A forma como a professora organiza sua prática, deixando disponível e dando acesso a uma diversidade de brinquedos para as crianças experimentarem e conhecerem diferentes papéis, sem determinar posições e comportamentos para meninos e meninas, favorece que não sejam determinados

s papéis específicos em função de seu sexo (FIANCO, 2003, p.98)

A tônica desta pauta se baseia no sentido de que as prática dos professores influenciam na segregação e na obtenção do sexismo através da diferenciação dos papéis sexuais ainda enquanto crianças.

Levantando-se neste momento a reflexão dos adultos que se formam neste padrão de diferenciações justificados pela “normalidade sexual” ou a normalidade das condutas permitidas de cada gênero.

## **O PATRIARCADO E A MULHER BELA, RECATADA E DO LAR**

Apesar das mudanças advindas pela evolução humana, algumas práticas permanecem no seio social e pouco são contestadas, pois passaram por um processo de naturalização, o que torna mais fácil sua inserção na programação mental das pessoas.

O patriarcado é uma concepção que está impregnada na prática humana, instrumentalizada e perpetuada sem que algumas pessoas percebam o que estão fazendo, tendo em vista que operam no “modo automático” assim como um dia foram programadas.

O patriarcado moderno vigente



alterou sua configuração, mas manteve as premissas do pensamento patriarcal tradicional. O pensamento patriarcal tradicional envolve as proposições que tomam o poder do pai na família como origem e modelo de todas as relações de poder e autoridade [...]. (NARVAZ; KOLLER, 2006, p. 50)

E nesta manutenção de padrões, todos os setores sociais contribuem implicitamente para a perpetuação da normatividade masculina através da produção audiovisual, das roupas, brinquedos, dos espaços permitidos para meninos e meninas, restando como resultado a promoção do preconceito e diferenciações.

A mulher pode até ocupar o espaço social, mas ainda assim matem suas obrigações no espaço doméstico, tornando-a assim muitas vezes com uma tripla jornada e sendo em diversos sentidos “culpada” quando há fracasso na vida conjugal ou dos afazeres domésticos, uma vez que essa seria sua função natural.

Narvaz e Koller (2006, p. 52) afirmam que atualmente a mídia também reforça as informações de deveres masculinos e femininos, gerando

culpa para as mulheres que não se limitam à esfera doméstica e aos papéis patriarcais de esposa e mãe dedicadas.

Este estudo se demonstra extremamente atual ao se levar em conta que passados dez anos de sua publicação, exatamente no ano de 2016 uma revista de grande circulação nacional publicou uma matéria que vedava sobre a esposa de um político conhecido nacional e revista a destacava como a mulher perfeita, sendo esta bela, recatada e do lar.

Determinado trecho da reportagem veiculada versava da seguinte forma:

Marcela é uma vice-primeira-dama do lar. Seus dias consistem em levar e trazer Michelzinho da escola, cuidar da casa, em São Paulo, e um pouco dela mesma também (VEJA, 2016)

Tal passagem demonstra de forma clara como é mostrada a mulher perfeita perante a sociedade, sendo aquela que cuida da educação dos filhos, da organização da casa e cuida de si mesma para agradar o patriarca.

As mulheres que não se encaixam nesse padrão sofrem cobranças de seus companheiros e até da própria família e pagam um preço muito alto por pertencerem ao espaço público e muitas vezes por questões ligadas ao capital.

Uma crítica levantada por Narvaz e Koller (2006, p. 53) é que a mesma



sociedade patriarcal e capitalista que dita às mulheres o cuidado de seus filhos/as, e aos homens o sustento econômico da família, não lhes dá condições para o desempenho destes papéis uma vez que o sistema no qual estão inseridos submetem-nos a divisão de tarefas e impõe a saída da mulher do espaço do lar, para o espaço laborativo.

É latente a percepção do patriarcado nos discursos midiáticos que impõe à mulher todas essas cargas de profissional, mãe, esposa, dona de casa e a hipercobrança social para que o paradigma do patriarcado não seja rompido.

As qualificações atribuídas à figura feminina como demonstradas na reportagem mostram a mulher com atributos de timidez, recato, educação, cuidado materno, cuidadora da beleza e do lar, tudo isso em função do marido.

Enquanto ao homem, pertence a esfera pública, do poder, do comando, de propriedade sobre os filhos e a própria mulher.

Esse modelo patriarcal não se concebe mais atualmente e deve ser rompido pondo-se um fim nas práticas sexistas existentes.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A fim de haver uma efetiva transição do período patriarcal de

sujeição da mulher frente ao homem e efetiva chegada da modernidade nas relações familiares e sociais deve-se haver o rompimento com as práticas sexistas.

Foi demonstrado no início desse estudo o papel influenciador da educação na reprodução e propagação das práticas de distinção entre os papéis sexuais masculinos e femininos.

Sendo assim, a partir do momento que for ensinado às crianças o respeito sem posições de prestígio à categorias gêneros diferentes, se experimentará de uma nova era para os seres humanos.

Livres de imposições e limitações quando suas práticas sociais e sem pressões psicológicas para que se faça o que é pertencente à mulher e ao que é pertencente ao homem.

Os modelos familiares tenderão a mudar conseqüentemente libertando a mulher das prisões sociais no tange ao seu papel e a sua performance enquanto pessoa.

Para que haja uma efetiva transição é necessário que o padrão imposto à mulher bela, recatada e do lado se quebre de uma vez por todas para que a mulher possa se utilizar da sua liberdade de autodeterminação livre de julgamentos sociais, ocupando o espaço que lhe aprouver em substância de igualdade com



homens e demais cidadãos.

## REFERÊNCIAS

FIANCO, Daniela. Relações de gênero nas brincadeiras de meninos e meninas na educação infantil. **Pró-Posições**. v, 14, n,3. p.89-101, 2003.

LAMAS, Marta. **Gênero**: os conflitos e desafios do novo paradigma. Proposta. n 84/85, 2000.

LAMY, Marcelo. **Metodologia da pesquisa jurídica**: técnicas de investigação, argumentação e redação. Rio de Janeiro. Elsevier, 2011.

MEDEIROS, João. **Redação científica**: a prática de fichamentos, resumos e resenhas. 11 ed. São Paulo: Atlas, 2013.

NARVAZ, Martha Giudice; KOLLER, Sílvia Helena. Famílias e patriarcado: da prescrição normativa à subversão criativa. **Psicologia & Sociedade**. v 18(1). 49-55, 2006.

NEGREIROS, Teresa Creusa de Góes Monteiro; CARNEIRO, Teresinha Féres. Masculino e feminino na família contemporânea. **Estudos e pesquisas em psicologia**. Rio de Janeiro, a.4, n1. p. 24-47, 2004.

REVISTA VEJA. **Marcela Temer**: bela, recatada e “do lar” Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/noticia/brasil/bela-recatada-e-do-lar>>. Acesso em 30 Abr, 2016.